



LXXVI

Quem tolo vai a Santarém, || tolo vem

VARIANTES:

- a) **Quem burro vai a Santarém, || burro vai e burro vem;**
- b) **Quem vai a Santarém, || se burro vai, burro vem;**
- c) **Asnos vão a Santarém, || se asnos vão, asnos vem.**

Popular:

Deitei o limão correndo, anda agora muito em moda:
correndo foi à botica; *quem é tolo, asno se fica.*

Não posso ajuizar, com segurança, do motivo da referência a Santarém como localidade onde se pudessem ir buscar especiais hábitos ou conhecimentos civilizadores.

É certo que Santarém foi berço de príncipes portugueses — entre os quais D. Fernando, o *Infante Santo* —; tem o seu velho Seminário Patriarcal; safu triunfante de apertados cercos dos Moiros e dos Castelhanos, e tem outras tradições históricas de renome; mas certo é, também, que em nenhum destes factos se pode fundamentar a alusão, a não ser quanto ao Seminário, casa que, todavia, várias outras cidades teem.

Alguns adágios estrangeiros adiante registados referem-se a Roma — capital da Itália e do catolicismo, séde da côrte e antiga capital dos Papas; a Paris — a capital do mundo civilizado; a Meca — pátria de Maoemé, berço das tradições musulmanas, cidade santa, onde todo o fiel mussulmano, deve ir em peregrinação pelo menos uma vez na vida.

Compreendia-se, pois, que o adágio se referisse: a Lisboa — capital da nação e antiga séde da côrte; a Coimbra, como detentora que foi, durante séculos, da única universidade portuguesa, e como capital que foi de Portugal nos primei-

ros tempos da monarquia ⁽¹⁾; a Braga, cidade religiosa por excelência, a *Roma portuguesa* — e noutros tempos a fé era tudo.

A alusão a Santarém — se não obedece exclusivamente à rima, ou se não diz respeito ao Seminário local — poderá, talvez, fundamentar-se em ter sido aquela cidade residência real, pois D. Fernando I ali teve os seus *paços* ⁽²⁾, e esta suposição tem a favorecê-la a referência a *palácio* num antigo adágio hespanhol semelhante ao nosso e adiante registado.

Alemães: a) *Ein Esel bleibt ein Esel und käm er gen Rom* ⁽³⁾; b) *Eine Gans flog über den Rhein, eine Gans käm wieder heim*.

Dinamarqueses: a) *For en Kat til det yderste Hav, Han dog kun raaber Mjav, Mjav* (leva um gato ao mar mais remoto, e fará sempre miau, miau) ⁽³⁾; b) *Stick a suggan till Rom, hon kommer sugga till baka* (manda a Roma a porca, e voltará porca) ⁽³⁾.

Franceses: a) (séc. XVI) *Qui beste va à Rome, tel en retourne* ⁽³⁾; b) (séc. XVIII) *Jamais cheval ni méchant homme, n'amenda pour aller à Rome*; c) *Qui chien s'en va à Rome, matin revient*.

Hespanhol: *El que asno fué a Roma, asno se torna*.

Marco Besso, no seu estudo *Roma nei proverbi e nei modi di dire* (Roma, 1889) cita a forma hespanhola do séc. XVII: *Fuyme à Palacio, fue bestia e vine asno*, que se lê assim em Lope de Vega: *Fuime a Palacio, fuy bestia y vine asno* ⁽⁴⁾.

Fernan Caballero, num conto andaluz intitulado *Las animas*, diz: «Es como aquel que bárbaro fué á Madrid, y bárbaro volvió á venir».

Holandeses: a) *Een ezel blijft altijd een ezel, al ging hij ook naar Rome* (um asno fica sempre asno, ainda que vá

⁽¹⁾ Cf. adiante, neste artigo, o adágio *aldeã é a galinha, e come-a o de Coimbra*.

⁽²⁾ V. Pinheiro Chagas, *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, I, 279.

⁽³⁾ Marco Besso, *Roma nei proverbi e nei modi di dire*, Roma, 1889.

⁽⁴⁾ Apud, quanto a Lope de Vega, Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, p. 530, n.º 304.

a Roma) ⁽¹⁾; b) *Zendt men een'ezel naar Paris, men krijgt hem weder, even wijs* ⁽²⁾.

Inglese: a) *Send a goose to Dover, and a goose will come over*; b) *Send a fool to the market, and a fool he will return again*.

Italiano: *Chi bestia va a Roma, bestia ne torna*.

Marco Besso, no seu trabalho citado na nota 3 da p. 91, insere o adágio persa: *se levares um asno a Meca, asno volta, igual, no sentido, ao adágio turco registado no Dic. de Larousse, s. v. «loin», e assim traduzido em francês: Si vous menez un âne loin, et même à la Mecque, il n'en reviendra jamais qu'un âne*.

Rolland, na obra abaixo citada na nota 2, insere um adágio afghan, que traduz assim em inglês: *If an ass goes to Mecca, when he returns he is the same ass* — extraído do livro *Thorburn, Bannu, or our afghan Frontier*, London, 1876.

LXXVII

Quem tudo quere, tudo perde

Ou: Quem muito quere, muito perde

Não é raro ouvir-se ao povo: *Quem todo lo quere, todo lo perde* ⁽³⁾.

Populares:

- a) Eu desejava saber
se o teu coração se «astreve»;
tôda a vida ouvi dizer:
quem tudo quer, tudo perde.

⁽¹⁾ Obra citada na nota 3 da p. 91.

⁽²⁾ Eugène Rolland, *Faune populaire de la France*, Paris, 1877.

⁽³⁾ Esta forma, na qual aparece ainda o pronome *lo* arcaico, vem registada em Rolland, s. v. «perder», em hespanhol deturpado: *Quem todo lo quiere, todo lo pierde*.